

# O *Carandiru* e o medo: um diálogo com a masculinidade violenta

André Nascimento<sup>1</sup>

**Resumo:** Este ensaio tem o objetivo de analisar a confluência do discurso narrativo cinematográfico com a masculinidade violenta. Sócrates Nolasco (1993) nos explica a homosociabilidade através do percurso histórico civilizatório que construiu a sociedade do homem para o homem, perpetuando os ciclos de relacionamento entre homens que define padrões morais e sociais. A obra fílmica *Carandiru* (BEBENCO, 2003) retrata tanto a violência dos que planejaram a rebelião como reação coercitiva e brutal dos agentes do Estado, a obra demonstra essa agressividade como requisito de respeito nos ciclos homosociais no texto cinematográfico. Proponho que, na obra, a construção identitária violenta nas personagens masculinas é dependente do comportamento hostil dentro das sociedades entre homens no contexto prisional; tendo a desigualdade social/*racial* como potencializadores da barbárie ao mesmo tempo em que legitima a masculinidade violenta.

**Palavras-chave:** Masculinidade, violência, identidade, narrativa cinematográfica.

**Abstract:** This essay aims at broaching the confluence between the cinematographic genre with violent masculinity. Sócrates Nolasco (1996) explains that homosociability through the historical process at which societies were erected from male to male, perpetuating, thus, relationship cycles between men that define social and moral standards. *Carandiru* (BEBENCO, 2003) portrays both the violence of those planning the rebellion as it demonstrates the coercive and brutal reaction of state marshals; this film represents this aggressiveness as a requirement to obtain respect amongst homosocial cycles. In this film, I argue that the violent identitary construction in the male characters depends upon the hostile demeanor within male societies in the prison system; and social/racial inequalities potentialize the brutality as it legitimizes violent masculinity.

**Key-words:** Masculinities, violence, identity, cinematographic narrative.

## I. Introdução

(...). É claro que qualquer pessoa pode ser violenta, independente do sexo. A agressividade é inerente as pulsões humanas, estando ligada a sobrevivência e à criação. Mas os crimes e crueldades praticados por mulheres ocorrem em muito menor escala. Assim, por exemplo, o censo penitenciário de 1995 revelou que a população das prisões brasileiras era composta de 95,6% de homens, sobrando apenas 4,4% de população feminina. (...). Seria a violência algo inerente ao sexo masculino? (TREVISAN, p.17-8, 1996).

---

<sup>1</sup> Mestrando em literatura brasileira, tradutor e intérprete comercial, professor de Língua Portuguesa e assistente de coordenação no programa de graduação do Departamento de Português, na University of New Mexico, Albuquerque, Estados Unidos. E-mail: nascimentoa@unm.edu

Segundo uma reportagem publicada no Correio Brasiliense (2016), o Brasil possui a quarta maior população carcerária de todo o mundo, com números que aumentam 7% ao ano. Além da extensa população encarcerada que ultrapassa a soma de 600 mil pessoas, o nível de superlotação desses presídios opera em 167% acima de sua capacidade (*op. cit.* 2016). Esses números tendem a se traduzir em condições precárias e facilitadoras de abusos, acarretando nas diversas rebeliões e ações violentas dentro dessas unidades prisionais. Tais elementos sociais foram retratados por obras literárias e cinematográficas na era contemporânea, como é o caso do romance ficcional *Estação Carândiru* (VARELLA, 2003), da peça teatral homoerótica *A Visita* (FRANCISCO, 2013) e as obras fílmicas *Central, o filme* (SAGER e DORNELLES, 2017) e *Carandiru* (BEBENCO, 2003). Além de outras temáticas abordadas, tais obras problematizam, também, o fenômeno social de encarceramento na sociedade brasileira.

O objetivo deste trabalho é analisar a obra fílmica *Carandiru* (BEBENCO, 2003), observando as confluências da produção cinematográfica com as teorias de masculinidades de Nolasco (1993) concernente às interações homosociais. Analisando brevemente os conceitos de masculinidade para o homem latino mais na interação entre as personagens do que escrutinando uma personagem especificamente. Busco compreender, portanto, o que seria o comportamento aceitável masculino nos ciclos homosociais e os prováveis interditos para se obter o *status* de *macho* e a função da obra fílmica na disseminação da violência urbana/carcerária como fato social.

A aposta em uma narrativa que se desenrola no ambiente prisional dá-se por ser, a meu ver, um *lócus* no qual a *fiscalização* dos padrões heteronormativos são pungentes, assim como a necessidades dos indivíduos de seguir tais padrões e não receber as possíveis *punições* (FOUCAULT, 1995) mediante as (im)possíveis rupturas com essa constante e repressiva *fiscalização* dos corpos.

Premente situar que não pretendo responder todas perguntas aqui postas; ao invés disso, coaduno com Jair Ferreira dos Santos (1986), que aponta que a pós-modernidade nos desestabiliza mais do que cria solidez, permitindo, assim, desconstruir e construir novas formas de aprendizagens. Ademais, situo ainda que não falo do lugar da imparcialidade, pois não creio que exista isenção teórica; coaduno, portanto, com Pierre Levy (1999) que preconiza a importância da honestidade intelectual e da revelação de suas fontes e influências acadêmicas.

Por isso, posiciono minhas influências marxistas (WILLIAMS, 1971) no posicionamento de uma literatura política (SANTOS, 2014) e engajada com problemáticas sociais e contemporâneas.

Ao analisar uma narrativa fílmica com a temática de violência carcerária é importante trazer a lume os factoides *sociais/raciais* de desigualdade e racismo estratificado como elementos de possíveis implicaturas na intensificação dos estopins de violência experienciado em catarse pelo leitor/público e personagens. Como se percebe na cena final do extermínio, quando a imagem escura impede uma clara percepção de cada personagem, eles viram correm pelos corredores escuros sem esperança como se a cada esquina fossem encontrar com a morte, a violência dos ciclos homosociais. Violência de homens para com outros homens, os cortes da câmera nessa cena final, traz um corte a essas individualidades e subjetividades, não importa a história pessoal, a facção, a chegada até ali. Eles viraram números, corpos que incomodam a sociedade, corpos pretos, sofrendo mais um massacre. Nessa cena, a morte tinha cara, uniforme, botina e sabia atirar muito bem, pois foi assim treinada pelo Estado para essa função.

Esses fatos que trazem à tona a problemática dos presídios são demonstrados, também, nos números do Ministério da Justiça e da Cidadania que definem que a população carcerária já passa de 622 mil detentos e que mais de 60% são homens negros<sup>2</sup>.

No filme, as relações homosociais impõem normas aos sujeitos masculinos para concomitantemente testar e garantir-lhes o reconhecimento entre os membros do ciclo masculino (NOLASCO, 2003), como na cena em que mesmo doente, um paciente do doutor Carlos fala que não precisa de anestesia para fazer a operação. Ao fazer isso, ele tenta afirmar aos pares a sua masculinidade a fim de obter mais respeito do ciclo masculino, mesmo que isso interfira em sua saúde e lhe cause muita dor e sofrimento, conforme demonstrado na cena.

Apesar de toda a performatividade agressiva, a masculinidade é um *status* fragilizado (TREVISAN, 1996) que está sob constante fiscalização e que a garantia do mesmo não é absoluta, explicitando, por conseguinte, as constantes provas e demonstrações de violência entre os prisioneiros e policiais a fim de se conquistar o respeito para com os demais, como se desenrola na obra. Fazendo com que o sujeito faça uma performance a fim de erigir um *ethos* do *ser-para* o outro de acordo com a explicitação de Bauman (2011).

---

<sup>2</sup> Ministério da Justiça e Cidadania <http://www.justica.gov.br/noticias/populacao-carceraria-brasileira-chega-a-mais-de-622-mil-detentos> - acessado em 10.10.2016.

Isso se observa, também, nas cenas em que a personagem Desdeute, interpretado por Caio Blat, precisa provar sua masculinidade sendo agressivo com os colegas de cela e, assim, obter a proteção de Zico (Wagner Moura), seu amigo de infância, e, agora, um dos mais respeitados traficantes da prisão. Neste contexto, coadunado com João Silvério Trevisan (1996):

A masculinidade é, na verdade, um gênero estreitamente vigiado. Tanto quanto a ameaça do feminino, a ameaça (consciente ou não) que a homossexualidade masculina representa para as relações de poder no contexto patriarcal denuncia como a “naturalidade” ou “vocação” do macho está escorada em múltiplas construções (*op. cit.* p.160).

Como em qualquer relação homosocial, isto é, sob vigilância – dentro do presídio também havia normas rígidas e bem estabelecidas. Há normas, entretanto, em que a *masculinidade hegemônica* não permite quebrar ou pelo menos, conforme no filme, mascara as rupturas (NOLASCO, 2003). Afirmar tais posicionamentos de rompimento com o estabelecido levaria os sujeitos ao lugar de abjeto e *menos homem*. Esse lugar causaria transtornos e a perda dos privilégios falocêntricos dispostos pelas personagens que se autodeclaram heterossexuais (*op. cit.*). Não se pretende questionar a sexualidade das personagens, entretanto, intenciona-se evidenciar a fragilidade da masculinidade e o peso de opressão social para os sujeitos heterossexuais nos ciclos homosociais.

Nota-se que a penitenciária, cenário central do filme, era de certo modo propícia para a disseminação do vírus do HIV/AIDS, denunciando, assim, a existência de possíveis rupturas com a heteronormatividade, *ad hoc*, encontros homoeróticos existiam e, com eles, a ruptura com o estabelecido pelo heterofundamentalismo.

Dentre a comunidade carcerária, aproximadamente 78% das travestis eram portadoras do vírus HIV e o total de infectados era de 17.8% no presídio, ou seja, uma forte epidemia se alastrava nos limites da penitenciária. Os homens negavam qualquer tipo de encontro sexual com os homossexuais<sup>3</sup> ou com as travestis; no mais das vezes, declaravam que o motivo do contágio

---

<sup>3</sup> Opto por utilizar o termo homossexual conforme defendido por Darós (2016) em detrimento ao termo cunhado por Maria Berenice Dias, a saber: homoafetividade. Coadunado com Darós que o termo de Dias, posiciona uma higienização não necessária a discussão de gênero e que pode instaurar um preconceito velado.

se deu por uma seringa<sup>4</sup> coletiva. Revelando uma forte resistência em declarar qualquer encontro homossexual a fim de proteger a face de suas masculinidades (BAUMAN, 2011; HALL, 2011).

A masculinidade hegemônica tem uma dúbia relação de empoderamento e marginalização do homem que não cumpre com as normas impostas (BOURDIEU, 2002). Na produção fílmica, nota-se uma diminuição da importância do sujeito que rompe com o padrão instituído e que esse padrão é fundamentado na violência para afirmar o seu lugar de homem, obtendo através da força física e da brutalidade a recuperação do *status* de macho. Esse *status* é similar em potencial de hierarquização em diferentes ciclos homossociais, dentro da obra se afere entre os policiais e entre os detentos comportamentos correspondente de valentia/violência e reconhecimento do grupo. Reificando a violência imbricada ao comportamento aceito para o grupo masculino.

## **II. Carandiru, o filme**

O filme é uma adaptação da obra *Estação Carandiru* escrita pelo médico Drauzio Varella (2003) com elementos *biograficcionais*. O filme retrata a vida do médico Luis Carlos Vasconcelos que se voluntaria a fazer um trabalho de prevenção ao HIV/AIDS na maior casa de detenção da América Latina, a saber: a casa de Detenção de São Paulo. A necessidade se deu devido a uma crescente epidemia do vírus na unidade prisional.

A prisão tinha um número de detentos que se aproximava do dobro do limite, quase 7500<sup>5</sup> detentos quando o máximo seria 4000. O presídio era mais conhecido como Carandiru, pois era localizado no bairro do Carandiru, na zona nordeste paulistana. Ganhou notoriedade internacional devido à rebelião que culminou no extermínio de 111 presos em 1992, desses presos, 89<sup>6</sup> ainda não haviam sido julgados pela justiça brasileira à época da rebelião. Os 74 policiais envolvidos foram absolvidos, recentemente, quando o Tribunal de Justiça do Brasil anulou o processo, vinte e quatro anos após o massacre.

## **III. As personagens**

---

<sup>4</sup> É a seringa utilizada para utilização de LCD e heroína.

<sup>5</sup> Revista Piauí <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-coronel-morreu-antes/>> acessado em 09.07.2016.

<sup>6</sup> El País <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/27/politica/1475004354\\_366390.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/27/politica/1475004354_366390.html)> acessado em 09.07.2016.

A história das personagens é tecida com a construção de alguns percursos que os levaram até aquele estado de reclusão. Apesar da proposta da obra seja narrar a vida na instituição pelos olhos do médico Luis, a obra tem mais uma perspectiva sociológica do que médica *per se*, pois os modos de ser e as vivências são mais ressaltadas no enfoque narrativo de suas memórias (JELIN, 2003), do que a descrição científica sobre as doenças e seus tratamentos. A violência é banal e latente, como se esse comportamento fosse o único possível entre os indivíduos dentro daquele sistema.

As normas dentro do presídio eram todas violentas desde as exercidas pelos agentes do Estado quanto às adotadas pelos prisioneiros. Transgredir as *normas* causava punições que podiam variar de espancamento, estupro, a pena de morte. Os prisioneiros eram, muitas das vezes, os próprios algozes. A violência é uma das formas de proteção contra o estupro, fazendo com que outros homens o reconheçam como macho, além das formas de clandestinidade relacionada ao tráfico ou suborno aos policiais ou outros chefes de tráfico por proteção. Ou seja, a violência se institui como um negócio até dentro do presídio, na obra fílmica em análise<sup>7</sup>.

Outra forma de violência apresentada pelo artefato midiático é a exploração da pobreza, salientando-se a violência racial/social vivenciada pelos indivíduos nas relações de cidadãos e Estado. Os presidiários, conforme se afere no discurso do médico, eram vítimas de um sistema de segurança que não prezava pelos direitos humanos dos presidiários e que não cria em recuperação, tratando a carceragem como lugar estritamente de punição e não de possível recuperação. Torna-se relevante, então, a revelação através da produção cultural fílmica a fim de trazer a lume a brutalidade por meio do discurso midiático a exploração efetuada sobre os sujeitos no contexto em escrutínio. Permitindo que um maior número de pessoas tenha acesso ao tema de direitos humanos e exploração humanitária em cenários pouco explorados no debate em sociedade.

Oportuno citar, ainda, que o filme prenuncia o caso da falta de medicamentos e dos escassos tratamentos médicos, odontológicos e psicológicos, além das precárias condições de habitação e alimentação dos detentos, questionando mais uma vez a vontade do Estado na recuperação das pessoas institucionalizadas. Parecendo ser uma perpetuação do que nos apontava

---

<sup>7</sup> Opto por não fazer uso do termo ficcional por questionar o uso do termo perante as *performances* e *ethos*, acreditando que os limites entre o real e o ficcional são muito tênues. No entanto, penso que tão discussão não se aplica a este trabalho.

Foucault (1999) sobre o controle sobre os corpos e a justaposição das agências de fiscalização do Estado Brasileiro sobre as populações afrodiáspóricas (MORGAN, 2014).

Com relação ao controle, a religião protestante também ocupava um lugar atinente como instrumento de controle da sexualidade e de comportamento dentro do presídio tanto para heterossexuais e opressão aos homossexuais, associando a homossexualidade ao pecado. No obstante, as pressões, muitos presidiários queriam se ligar a religião pela proteção e respeito que os demais tinham pela instituição Assembleia de Deus, em contrapartida, os que ingressavam tinham de deixar os vícios e se efeminados, deixar de ser, para que pudessem ser protegidos pela instituição, talvez violados em seus modos de ser e expressão da erótica.

As normas *heterofundamentalistas*<sup>8</sup> impediam que detentos homossexuais fossem escolhidos como faxineiros, assim como eram proibidos os estupradores, não podia ter sido abusado sexualmente, ter sido “laranja”, isto é, levado a culpa por crime cometido por outro. O faxineiro deveria ser alguém de confiança e que não buscasse vingança, as categorias supramencionadas não aspiravam confiabilidade. Posicionando a homossexualidade no lugar de punição, marginalização e suspeita do corpo *queer*.

Outra norma tácita era o respeito pela mulher que visitava a penitenciária, pois ela era do outro, uma visão *objetificada* da figura feminina. Quem descumprisse tal “acordo” teriam de se haver com as possíveis punições, possivelmente resultando em morte. A violência mais uma vez se prova como um artefato de soluções de conflitos no ciclo homosocial.

#### **IV. Masculinidades**

Conforme se argumenta neste trabalho, os homens também são vítimas do machismo e do comportamento imposto pelo *heterofundamentalismo*. Os homens têm de se adequar ao padrão de macho que cada ciclo homosocial os impõe. Essas imposições são fundantes para que ele receba o *título de complementação do falo*, isto é, o reconhecimento do grupo. Sobre isso, Nolasco (1993) defende que:

Fomos socializados para calar o sofrimento, o prazer ou a fantasia para o outro homem, sob o preço de perder sua “amizade”. Nossas relações são, na maioria das vezes, distantes, justificando nosso fervoroso envolvimento com o trabalho, as guerras

---

<sup>8</sup> Termo cunhado pelo Prof. Dr. Rick Santos – State University of New York - NCC.

e comércio. [...] por outro lado, os homens começam a perceber que este sentimento de abandono também foi experimentado por seu pai e avô (*op. cit.*, p. 13).

Nolasco segue a linha perceptiva de Simone de Beauvoir (2009) e afirma que ninguém nasce homem e se torna por meio de um processo de socialização que constrói um *padrocionismo* no qual o menino é pressionado a se emoldurar mesmo antes do nascimento com as expectativas sociais. Ele defende que os pais (homens e mulheres) reproduzem as pressões no comportamento do menino e que a violência é um dos elementos associados a essa construção da figura do homem (NOLASCO, 1993; 2003).

Ou seja, fica nítido que o processo de construção da figura do macho é tão lacerante quanto o da feminilidade para as mulheres. Como Hobbes (2011) nos aponta que o homem é inimigo do homem no sentido de que é ensinado a ser superior ao seu concorrente, mais forte e potente, neste caso, a penalização é por seguir o modelo discursivo apresentado e exigido antes que o sujeito nasça. É de atinente discussão como essa vontade de superar o outro pode ser tão danosa para si quanto para o outro, revelando a ambivalência da violência que tende a trazer prejuízos e consequências tanto para o agressor quanto para a vítima.

E que o sistema de controle conforme apontado por Bourdieu (2002) como princípio da perpetuação, na qual a agressividade se instaura como uma constante na punição e manutenção de estado de dominação (*op. cit.*). Reificando um sistema de relações de poder que traz prejuízo a todos os sujeitos sociais e que propaga a masculinidade hegemônica como padrão de superioridade a ser alçado em sociedade que vê nesse modo a viabilização do respeito e honra, mesmo para sujeitos permanentemente marginalizados.

## **V. Considerações finais**

Conforme apresentado neste ensaio, a violência se apresenta como padrão multiforme para a obtenção/manutenção da masculinidade dentro dos ciclos homosociais. Ademais, essa luta pelo controle e obtenção de tal título perpetra a banalização da violência urbana inconsciente na qual a violência em si é utilizada como tentativa de solução para ela mesma, sendo estratificada em diferentes comunidades discursivas. Tendo a masculinidade violenta como ponto de interseção e constante tentativa de controle.

Premente situar a importância da continuidade deste trabalho e que ele dialogue com outras pesquisas que intencionam investigar o controle patriarcal, por meio de suas instituições (WILLIAMS, 1971), que somatiza formas de violação aos direitos humanos a sujeitos hegemonicamente marginalizados, recentemente pelo sistema neoliberalista e religioso conservador. Gerando, conseqüentemente, um ostracismo instituído aos diversos modos de ser que não tem conformidade com os estabelecidos pelo heteronormativismo. Reproduzindo violações verbais e não-verbais a corpos *queer* que fogem ao estabelecido e funda no preconceito uma base para a masculinidade, isto é, a afirmação do masculino através da negação do feminino/efeminado que reforça uma violência contra aquilo que causa horror ao masculino, conforme apontado em contexto próprio.

Defendo, ainda, a importância do uso midiático como elemento de descortinação da banalização de uma violência executada contra pobres e negros que justapõem a senzala nas cadeias e conforme Morgan (2014), justapõem os capitães do mato nas agências de fiscalização do estado no contexto do Brasil, reproduzindo uma continuidade da higiene para com os corpos que são abjetos (DARÓS, 2016) em seus fenótipos, sexualidades e gênero na ótica do discurso hegemônico. Penso que as produções culturais podem muito na tentativa trazer a lume assuntos que passam pela exploração da invisibilidade proposital.

## Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *A vida em fragmentos*. Zahar. 1995.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo*. Ed. Nova Fronteira, 2009.
- BEBENCO, Héctor (Dir.). *Carandiru*. Globo Filmes. São Paulo. 2003. Filme
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Trad.: Maria Helena Külner. Ed. 2ª. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2002.
- CABRAL, João Francisco Pereira. "Heráclito"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/filosofia/heraclito.htm>>.
- CORREIO BRASILIENSE. Não Informado. Disponível em: <[http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/04/27/internas\\_polbraeco,529299/p\\_opulacao-carceraria-brasileira-ja-e-uma-das-maiores-do-mundo-diz-jus.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2016/04/27/internas_polbraeco,529299/p_opulacao-carceraria-brasileira-ja-e-uma-das-maiores-do-mundo-diz-jus.shtml)> acessado em 25.08.2016.
- DARÓS, Lindormar et al. *Escritos sobre políticas públicas*. Editora CRV, Rio de Janeiro, 2015.
- DOCUMENTÁRIO CARANDIRU. Não informado. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2wvIjjS8U4&hd=1>> acessado em 19.08.2016.
- EL PAÍS. <[http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/27/politica/1475004354\\_366390.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/27/politica/1475004354_366390.html)> acessado em 09.07.2016.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: Vol I – Vontade de Saber*. Trad.: Maria Theresa da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro. GRAAL, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Discipline and Punish: The Birth of the Prison*. Penguin. NY. 1995.
- FRANCISCO, Alex. *A Visita*. ALL PRINT, São Paulo, 2013.
- GAZETA. <<http://www.gazetaonline.com.br/ conteudo/2013/06/noticias/cidades/1448275-presos-so-podem-receber-visita-intima-se-forem-casados-ou-comprovarem-uniao-estavel.html>> - acessado em 10.06.2016.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10ª Ed. Editora: DP&A. 2011.

HOBBS, Thomas. *Leviathan*. Pacific Publishing Studios, 2011.

JELIN, Elizabeth. *State of Repression and the Labors of Memory*. Minneapolis, MN: university of Minnesota Press, 2003. Internet Resource.

LEVY, Pierre. *Collective Intelligence: Mankind's Emerging World in Cyberspace*. Helix Books – Perseus Books. Cambridge, Massachusetts, 1999.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E DA CIDADANIA.  
<<http://www.justica.gov.br/noticias/populacao-carceraria-brasileira-chega-a-mais-de-622-mil-detentos>> - acessado em 10.10.2016.

MORGAN, Zachary R. *Legacy of the Lash: Race and Corporal Punishment in the Brazilian Navy*. Bloomington: Indiana UP, 2014. Internet resource.

NOLASCO, Sócrates. *O Mito da Masculinidade*. Rocco. Rio de Janeiro, 1993.  
\_\_\_\_\_. *De Tarzan a Homer Simpson*. Rocco. Rio de Janeiro, 2003.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L7210.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7210.htm)> - acessado em 05.06.2016.

REVISTA PIAUÍ. <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-coronel-morreu-antes/>> acessado em 09.07.2016.

SAGGER, Tatiana e DORNELLES, Renato. *Central, o filme*. Panda Filmes, Porto Alegre, 2017.

SANTOS, Jair Ferreira. *O que é Pós-moderno*. Ed. 8ª. Brasiliense, São Paulo, 1986.

SANTOS, Rick J. *Poética da Diferença: um olhar queer*. NCC Press, Rio de Janeiro, 2014.

Trevisan, João Silvério. *Seis balam num buraco só – a crise do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1996.

VARELLA, Drauzio. *Estação Carandiru*. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.

WILLIAMS, Raymond. *Marxism and Literature*. OUP. London, 1971.